

Revista **a** EVOLUÇÃO

Ano II - nº 19 - Ago./2021 - ISSN 2675-2573

ISSN 2675-2573



PEDRO DA CONCEIÇÃO GOMES

Investigar fatos passados, compreender o presente, para também escrever sua própria história.



POIESIS

Danton Medrado

J. Witon

Manuel Francisco Neto

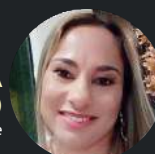
DESTAQUES

DIFICULDADES DO ENSINO PRIMÁRIO EM ANGOLA
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto



APOSENTADORIA DOS PROFESSORES E A REFORMA PREVIDENCIÁRIA
(EC 103/2019)

Profa. Tatiana Kelian Kiseleff Tabellione



A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

www.primeiraevolucao.com.br

Revista **1ª** EVOLUÇÃO

Ano II - nº 19 de Agosto de 2021 - ISSN 2675-2573

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima

Vilma Maria da Silva

Organização:

Vilma Maria da Silva

Manuel Francisco Neto

AUTORES(AS)

Adriana Santos Ramos

Adriana D El Rei Souza

Carla Ferraz

Delmira Moreira da Cruz

Gisele Aparecida Padilha Vilela

Jonatas Hericos Isidro de Lima

Manuel Francisco Neto

Marcela Knablen de Souza

Maria Aparecida da Silva Rocha

Miriam Ferreira

Natali Ricarte Cardoso

Silvana Fátima Boni Morato

Tatiana Kelian Kiseleff Tabellione

Viviany Barbosa de Freitas

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – n. 19 (ago. 2021). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2021.

94 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

ISSN 2675-2573 (on-line)

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.19>



São Paulo
2021

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Comissão editorial:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

José Roberto Tenório da Silva

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima

Denise Mak

Patrícia Tanganelli Lara

Thais Thomas Bovo

Veneranda Rocha de Carvalho

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adelson Batista Lins

Prof. Esp. Ana Paula de Lima

Prof. Me. Andreia Fernandes de Souza

Prof. Dra. Denise Mak

Prof. Me. Isac dos Santos Pereira

Prof. Me. Ivete Irene dos Santos

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto

Prof. Me. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Prof. Dra. Patrícia Tanganelli Lara

Prof. Dra. Thais Thomaz Bovo

Prof. Me. Veneranda Rocha de Carvalho

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado

José Roberto Tenório da Silva

Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. (11) 98031-7887

Whatsapp: (11) 99543-5703

primeiraevolucao@gmail.com

https://primeiraevolucao.com.br

São Paulo - SP - Brasil

netomanuefrancisco@gmail.com

Luanda - Angola

Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores. Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

Colaboradores voluntários em:



A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

PRINCÍPIOS:

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

Filiada à:



ÍNDICE

05 APRESENTAÇÃO

Prof. Ana Paula de Lima

07 HOMENAGEM

Pedro da Conceição Gomes

COLUNAS

10 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac dos Santos Pereira

12 A caminho da escola

Ivete Irene dos Santos

93 POIESIS

Danton Medrado, J. Wilton, Manuel Francisco Neto.



ARTIGOS

* Destaque

1. OS REFLEXOS SOCIAIS E A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA Adriana D El Rei Souza	15
2. PSICOMOTRICIDADE E DESENVOLVIMENTO HUMANO Carla Ferraz	21
3. OS DESAFIOS DA GESTÃO E AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS Delmira Moreira da Cruz	27
4. A UTILIZAÇÃO DE JOGOS NO ENSINO DA MATEMÁTICA Gisele Aparecida Padilha Vilela	33
5. AS INTERAÇÕES E RELAÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL Jonatas Hericos Isidro de Lima	37
★ 6. DIFICULDADES DO ENSINO PRIMÁRIO EM ANGOLA Manuel Francisco Neto	41
7. A IMPORTÂNCIA DA SAÚDE MENTAL NO DESENVOLVIMENTO ESCOLAR Marcela Knablen de Souza	47
8. O CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: MÚSICA E OBJETOS SONOROS NAS EMEIs E CEIs Maria Aparecida da Silva Rocha	51
9. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA PERSPECTIVA DO IBEAC/EJA Miriam Ferreira	59
10. A ARTE E AS SUAS DIMENSÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA PERSPECTIVA DA LEGISLAÇÃO Natali Ricarte Cardoso	67
11. O FUTEBOL: HISTÓRIA DO ESPORTE E PRESENÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR Silvana Fátima Boni Morato	75
★ 12. APOSENTADORIA DOS PROFESSORES E A REFORMA PREVIDENCIÁRIA (EC 103/2019) Tatiana Kelian Kiseleff Tabellione	81
13. AVES COMO INSTRUMENTO PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM PARQUES DE SÃO PAULO - SP Viviany Barbosa de Freitas	89

OS REFLEXOS SOCIAIS E A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA

ADRIANA D EL REI SOUZA

RESUMO: Esse artigo pretende buscar reflexões sobre os a importância da disciplina de História para a reflexão crítica da sociedade na qual vivemos. A colonização brasileira é marcada por uma intrincada e complexa dinâmica do mercado mundial juntamente com os movimentos internos da economia e na sociedade. A escravidão foi um dos períodos mais marcantes da nos História e traz reflexos na cultura, nos valores, na ética, na estética e nas relações sociais e condições de trabalho da sociedade brasileira. O autoritarismo é uma marca histórica no Brasil e reflete na imagem que se tem de sociedade como debilitada, sem capacidade de ser organizar, incompetente, que necessita tutela. É necessário romper com esse parâmetro e repensar as políticas sociais numa perspectiva de classe, em uma dimensão coletiva, sendo assim podemos iniciar com as crianças, fazendo abordagens reflexivas para o entendimento da nossa História.

Palavras-chave: Colonização. Economia. Sociedade.

INTRODUÇÃO

Na atualidade, o homem volta ao passado de maneiras diferentes e, entre outras, porque foge do presente, embora também o supervalorize de forma contraditória: a partir de diferentes temas e avaliações, diminuem as expectativas de futuro. Fazer curvas de crescimento econômico em uma perspectiva de tempo moderadamente conjuntural evidencia a instabilidade e a catastrófica do fato, mas, por outro lado, ninguém escapa da subjugação do tempo presente no que ele tem a oferecer como inovações tecnológicas. Entre os últimos está o desenvolvimento exponencial das possibilidades atuais na expansão da memória.

Hoje, de outra perspectiva, a memória é o insumo necessário a partir do qual a história oral faz sentido. Dependendo da construção metodológica em que utilizaremos a história oral, abordamos diversos atores sociais. Essa abordagem sempre mediada nos permite penetrar desde a memória do informante até as realidades de que ele foi testemunha. Quando ele testemunhou, o testemunho que ele nos oferece é de primeira mão, ele viu, ouviu e até percebeu aquela realidade que ele se refere a nós. A testemunha sempre nos dá o seu testemunho na primeira pessoa, leva-a ao imperativo do "vi, ouvi, percebi". Nesse sentido, a narrativa assim construída atesta, dá conta de uma realidade atual naquela memória. A primeira pessoa derivada do atestado é um sinal que atravessa o tempo para chegar a um presente que o reivindica e o significa de várias maneiras.

No entanto, é preciso notar que a memória vai além da simples evocação do que aconteceu. A memória não é um arquivo de dados passivo. A memória apresenta inúmeros elementos que potencialmente esperam para serem evocados: um construto conjuntural ou de tempo médio desenvolve muitas dessas potencialidades.

Em todo o caso, a memória foi legitimada sobretudo em dois grandes campos: no histórico, por um lado, e no literário, por outro. Nas últimas décadas nos deparamos com uma conjuntura histórica única, do ponto de vista teórico, onde já existem diferentes formas de abordar o passado e onde não existem apenas diferentes tipos de narrativas nas quais a história-memória foi deslocada como tal, e em uma nova relação com o passado, com outro passado, surgem outros tipos de documentos personalizados de novos atores, antes deixados de lado por sua falta de representação como forma e forma de conceituar o objeto de estudo. Dessa forma, a memória se instala no centro da história, uma nova narrativa renasce no romance histórico. Porém, apesar dessa nova forma de "resgatar".

Portanto a memória está fundamentalmente ligada à História.

A ESCOLA TRADICIONAL POSITIVISTA

A escola tradicional positivista contribuiu para a consolidação dos interesses militares, na medida em que exaltava os mitos nacionais sobre a formação da sociedade brasileira e a História seria feita para poucos.

Nos anos 80, em meio a transformações do processo de redemocratização e de reorganização da sociedade brasileira, surgem novas propostas, visando às reformulações curriculares ao ensino de História e depois, nos anos 90, surgem os Parâmetros Curriculares Nacionais, visando a formação de cidadãos aos moldes de uma sociedade democrática. (FONSECA, 2003, p. 93)

Em meio a uma série de transformações, o ensino de História propõe desenvolver nos indivíduos uma criticidade voltada aos problemas sócio econômicos, destinada à intervenção e à transformação da realidade brasileira, fazendo com que o cidadão comece a intervir no processo histórico, situando-se como agente edificador e transformador do meio social ao qual faz parte.

De acordo com Fonseca (2003, p. 94):

A proposta de metodologia do ensino de história que valoriza a problematização, a análise e a crítica da realidade concebe alunos e professores como sujeitos que produzem história e conhecimento em sala de aula. Logo, são pessoas, sujeitos históricos que cotidianamente atuam, lutam e resistem nos diversos espaços de vivência: em casa, no trabalho, na escola, etc. Essa concepção de ensino e aprendizagem facilita a revisão do conceito de cidadania abstrata, pois ela nem é algo apenas herdado via nacionalidade, nem se liga a um único caminho de transformação política. Ao contrário de restringir a condição a de mero trabalhador e consumidor, a cidadania possui um caráter humano e construtivo, em condições concretas de existência.

Percebe-se que a escola agrega uma comunidade muito diferente, a qual sujeitos históricos possuem diferentes identidades culturais, de gênero, raça e cultura, tornando-se importante criar espaços de aprendizagem significativa, com processos educativos que possibilitem o aprendizado e a disciplina de História faz com que esses sujeitos comecem a entender todo esse processo.

Segundo Bittencourt (2004, p. 50):

A escola, por sua vez, também é concebida ou como o “lugar” privilegiado da produção das disciplinas escolares, mesmo que possa estar mais ou menos dependentes de interferências externas, ou como instituição que, embora conte com vários agentes no seu interior, não tem autonomia suficiente para a criação.

Um ensino de História crítico deve nortear a importância de aspectos sociais e a importância da formação do cidadão enquanto sujeito histórico, podendo gerar outras concepções de cidadania, para além das noções teóricas e legais.

De acordo com Eid (2015):

As influências do regime capitalista, estruturado sobre as ideias de capital produção e lucro, foram também determinantes no processo de evolução das relações de trabalho. A busca frenética pelo aumento de lucros impõe aos trabalhadores realidades cruéis, onde é comum a prática de jornadas extenuantes; cobranças exageradas; imposições de metas inatingíveis e atitudes assediadoras capazes de prejudicar sua saúde física e mental, o que em última análise não atinge apenas a esfera individual do trabalhador, mas de toda a sociedade onde está inserido. (Eid, 2015, p. 126)

Entende-se que o homem moderno vem se constituindo dentro de um sistema que está em crise, devido a busca por lucros, no qual trabalhadores acabam trabalhando muito tempo para receber cada vez menos.

A consciência histórica: “é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo [...] criem e recriem sua existência com um material que a vida lhes oferece” (FREIRE, 2001, p. 30).

Portanto, na medida em que se prenuncia em certa concepção de seu tempo, a história se constitui como um discurso relacionado à compreensão das ações humanas coletivas, que privilegia sua localização em um tempo contínuo, unitário e sucessivo. Por isso, o abandono pelas críticas pós-modernas à consciência histórica ingênua do século XIX, o tempo clássico da História, parece trazer consigo a necessidade de negar qualquer eficácia histórica possível das ações humanas e mesmo a possibilidade de falar sobre tal coisa. Sem história e seu tempo geral, a ação humana parece condenada a ser incapaz de escapar dos estreitos limites do indivíduo.

TEMPO E HISTÓRIA

Uma nova representação do tempo histórico está surgindo. A concepção newtoniana de um único tempo dá lugar à multiplicidade de ritmos e tempos. Mas até a nossa cultura está presa a uma visão linear do curso da história, que sempre interpreta as mudanças como avanços e avanços, esquecendo que o que para uns pode significar progresso, para outros pode representar decadência. A historiografia mais crítica reivindica uma nova concepção de temporalidade para uma nova interpretação da história, que permite aos cidadãos pensar em futuros alternativos (Hobsbawm, 1998).

Este novo modelo de tempo para a história se constrói a partir da multiplicidade e da interdisciplinaridade. Não parece que o tempo que estuda filosofia, psicologia, antropologia ou física, por exemplo, seja diferente, mas que há um único conceito de tempo observado a partir de diferentes perspectivas complementares (Ramos, 1992). A história é, em particular, uma ciência do tempo e coincide com o resto das ciências sociais, pois o tempo é explicado como uma estrutura de conceitos: memória, utopias, mudanças, gestão social do tempo, por exemplo. Embora o tempo seja o que explica a existência da história como passado, a história como ciência que interpreta esse passado não forneceu um modelo conceitual que nos permita desenvolver um currículo para o ensino do tempo histórico.

O primeiro grande trabalho sobre a percepção do tempo e a construção das noções temporais na infância é Piaget (1978). O mesmo organizou pela primeira vez uma teoria global do desenvolvimento do conceito de tempo na aprendizagem humana, baseada em três etapas, correspondendo ao tempo vivido, tempo percebido e tempo concebido, que também foram interpretados como tempo pessoal, tempo social e tempo histórico. Atualmente, sua visão construtivista da aprendizagem foi recuperada, mas certo mecanismo foi criticado ao propor a aquisição da temporalidade em uma determinada idade.

Paul Fraisse (1967) deu continuidade à linha de Piaget e realizou o trabalho mais completo que existe sobre a construção do conceito de tempo. Ele investigou os fatores que influenciam a percepção do tempo. Por exemplo, no simples desejo de que o tempo passe, no tédio, na espera ou na pressa como fatores decisivos em nossa percepção do tempo. Apesar das descobertas dessa nova perspectiva de compreensão do tempo, que Fraisse chamou de "sensibilidade ao tempo", suas teorias não tiveram o seguimento que se poderia esperar, pelo menos nas propostas escolares para o ensino de História.

Em geral, as teorias de Piaget não têm sido bem aproveitadas, pois têm sido aplicadas mecanicamente ao ensino de história (Calvani, 1988). As críticas são diversas. Em primeiro lugar, considera-se que a importância da linguagem na construção de uma narrativa temporal deve ser mais valorizada. Foi demonstrado, por exemplo, que com materiais narrativos bem estruturados, meninos e meninas reconhecem melhor uma estrutura temporal lógica. Algumas pesquisas mostram que a velocidade não desempenha um papel fundamental na formação da noção de tempo. A temporalidade é adquirida a partir da compreensão progressiva de sua estrutura conceitual (Friedman, 1982). Mas a maioria das pesquisas educacionais e psicológicas faz pouco progresso nesse caminho.

Alguns estudos mostraram a importância que os professores atribuem à cronologia, como aspecto fundamental do ensino de história, mas ao final da escolaridade obrigatória os alunos não a dominam (Pagès, 1999). Os professores consideram a cronologia de aprendizagem difícil, mas, por outro lado, algumas pesquisas reconhecem a capacidade dos alunos de identificar ou explicar as mudanças (Lautier, 1997).

Parece que, ao final da escolaridade obrigatória, a aprendizagem dos alunos sobre a história é composta por uma série de elementos isolados, fatos, personagens e datas, e alguns tópicos sobre conceitos como descoberta, revolução ou progresso. É como uma gaveta onde guardamos tudo misturado, onde temos um grande número de objetos desorganizados, alguns dos quais nem sabemos que os temos ou não sabemos a que relacioná-los. Aprender sobre o tempo histórico pode ajudar a estruturar o conhecimento sobre a história se for feito com considerações como o seguinte em mente:

- a) A escola deve passar pelo ensino de uma história museológica, que representa o tempo histórico como um acúmulo de dados e datas.
- b) A aprendizagem do tempo histórico deve basear-se nas relações entre passado, presente e futuro, a nível pessoal e social.
- c) O ensino de História deve partir da atualidade e dos problemas dos alunos, para poder formar-se nos valores democráticos.
- d) As categorias temporais que se apresentam como categorias naturais, quando são construções sociais, devem ser questionadas.
- e) Deve-se não só ensinar uma certa periodização, mas também ensinar a periodização.
- f) A cronologia deve ser ensinada relacionada a uma série de conceitos temporais básicos, como mudança, duração, sucessão, ritmos temporais ou as qualidades do tempo histórico.
- g) Os conceitos temporais atuam como organizadores cognitivos, tanto nos eventos da vida cotidiana quanto no processo de compreensão da história.
- h) O pensamento temporal é formado por uma rede de relações conceituais, onde os eventos pessoais ou históricos estão localizados de forma mais ou menos estruturada (Matozzi, 2002).

Atualmente existem diferentes propostas que começam a caminhar nesta linha, mas ainda dominam os ensinamentos baseados em uma racionalidade positivista e em uma concepção linear do tempo histórico. Uma proposta na mesma linha que nós propomos foi feita por Cooper (2002) para a educação infantil e fundamental. Ele se propõe a trabalhar os seguintes aspectos do tempo histórico: a medição da passagem do tempo; sequências cronológicas; duração; as causas e consequências das mudanças; as diferenças e semelhanças entre o passado e o presente; a linguagem do tempo; enfim, o conceito de tempo que as crianças estão construindo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As histórias que os professores explicam na escola ou as mesmas histórias que os alunos constroem podem ser recursos importantes para a aprendizagem de conceitos temporários. Ao mesmo tempo, o uso da narração torna-se um importante instrumento na construção da temporalidade nas crianças. As atividades relacionadas ao tempo do nosso dia a dia, com a organização da programação e das atividades diárias, também ajudarão os alunos a compreender a importância da gestão do tempo em sua vivência social.

A linguagem temporal é fundamental na narração histórica. Para a construção da história, precisamos ordenar e classificar temporariamente os eventos do passado.

As escolas devem exercer o papel de formar cidadãos críticos, proporcionando aos alunos ensinamentos que eles necessitam para viver e trabalhar neste mundo em evolução, bem como orientá-los para a vida, mas isso só acontece, se a escola definir como meta trabalhar os conteúdos a serem estudados de uma forma que os jovens possam desenvolver uma mentalidade que priorize e valorize o exercício da cidadania. Por isso o ensino da disciplina de História é fundamental para a sociedade, contribuindo para o desenvolvimento da criticidade dos alunos.

Conclui-se que a sociedade passa por constantes mudanças e a disciplina de História tem como objetivo levar cada pessoa a observar em cada contexto histórico acontecimentos isolados que a sociedade vive.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BITTENCOURT, Circe M.F. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.
- CALVANI, A. **Il bambino, il tempo, la storia**. Firenze: La Nuova Italia, 1988.
- COOPER, H. **Didática da história na primeira infância e no ensino fundamental**. Madrid: Morata, 2002.
- EID, Arnaldo Gaspar. Meio Ambiente e Trabalho: uma relação indissociável. Caio Henrique Lopes Ramiro; Lis Maria Bonadio Precipito (organizadores). **Direito e desenvolvimento: estudos sobre a questão ambiental e a sustentabilidade**. São Paulo: Editora Liberars LTDA, 2015.
- FONSECA, S. G. **Didática e Prática de ensino de história**. Campinas: Papyrus, 2003.
- FRAISSE, P. **Psychologie du temps**. 2. ed. cor. eu agosto. Paris: PUF, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização - teoria e prática da libertação**. São Paulo: Centauro, 2001.
- HOBBSAWM, E. **Da história**. Barcelona: Crítica, 1998.
- JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. História, política e ensino. IN: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2005.
- LAUTIER, N. Enseigner. **l'histoire au lycée**. Paris: Colín, 1997.

MATOZZI, I. Presentazione per il docente. A formação do pensiero temporale negli adolescenti In PERILLO, E. (la cura di). **LA história. Istruzione per l'uso. Materiali para la formación de competências temporali degli studenti**. Napoli: Tecnodid, 2002.

PAGÈS, J. Tiempo histórico: ¿Qué sabemos sobre su enseñanza y aprendizaje? Análisis y evaluación de los resultados de algunas investigaciones. In: **AAVV. Aspectos didáticos das Ciências Sociais**. Zaragoza: ICE; Universidade de Zaragoza, 1999.

PIAGET, J. **O desenvolvimento da noção de tempo na criança**. México: Fundo de Cultura Econômica, 1978.

RAMOS, R. (Comp.). **Tiempo y Sociedad**. Madrid: CIS; Século XXI, 1992.



Adriana D El Rei Souza

Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade de Braz Cubas (UBC). Pós graduação em Práticas em Alfabetização e Letramento pela Escola Superior de Administração (HSM). Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP).

EVOLUÇÃO

ISSN 2675-2573

Revista **a EVOLUÇÃO**

Ano II - nº 19 - Ago./2021 - ISSN 2675-2573

ISSN 2675-2573



LUCIANE DA SILVA

Um olhar além

DESTAQUE

EDUCAÇÃO E DESIGUALDADE

Prof.ª Dr.ª J. J.

A ORGANIZAÇÃO DO SERVIDOR

PEDAGÓGICO

Prof.ª Patr.

www.primeirae

PEDRO DA CONCEIÇÃO GOMES

Investigar fatos passados, compreender o presente,
para também escrever sua própria história.



A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais



POIESIS

Danton Medrado

J. Wilson

Manuel Francisco Neto

DESTAQUES

DIFICULDADES DO ENSINO PRIMÁRIO EM ANGOLA

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto

APOSENTADORIA DOS PROFESSORES E A REFORMA PREVIDENCIÁRIA (EC 103/2019)

Prof.ª Tatiana Kelian Kiseleff Tabellione

www.primeiraevolucao.com.br

Filiada à:



AUTORES(AS):

- Adriana D El Rei Souza
- Carla Ferraz
- Delmira Moreira da Cruz
- Gisele Aparecida Padilha Vilela
- Jonatas Hericos Isidro de Lima
- Manuel Francisco Neto
- Marcela Knablen de Souza
- Maria Aparecida da Silva Rocha
- Miriam Ferreira
- Natali Ricarte Cardoso
- Silvana Fátima Boni Morato
- Tatiana Kelian Kiseleff Tabellione
- Viviany Barbosa de Freitas

ORGANIZAÇÃO:

Vilma Maria da Silva

Manuel Francisco Neto



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.19>



Edições
Livro Alternativo

www.primeiraevolucao.com.br

